

Grupo a pacientes com câncer ; particularidades possíveis

Marcia Virgili¹

Trabalhar com grupo tem –se que ater ao fator identificação, pois sabemos que uma vez um grupo formado por um motivo , a fala e as queixas ficam em nome do grupo e do seu sintoma .

Em relação ao grupo de pacientes com câncer preocupei-me muito com a possibilidade de se criar um grupo sinto-mal e com isso nao melhorar a situação em que os pacientes estavam inseridos e sim provocar uma identificação , uma representação .

O grupo sinto-mal é um grupo sujeito , isso quer dizer ; não ha uma junção de sujeitos com questões e diferenciações e sim um sujeito que é o grupo, uma unidade representativa de uma queixa , ou um mal que acomete todos que estão ali inseridos .

Freud explicita em psicologia de grupo e a analise de ego (1921) que os sentimentos em grupo são geralmente simples mas são exagerados o que leva a uma certeza única sendo esta, o que observamos sendo a sustentação de alguns grupos.

Sobre o olhar da psicanalise podemos dizer de uma aposta nas palavras, na escuta e ao mesmo tempo o analista deve sustentar uma posição histórica no sentido do questionamento e do não todo . O analista questiona e quebra discursos prontos .

O trabalho com grupo de pacientes com câncer é um trabalho que podemos dizer que atua sobre a urgência. Éric Laurent define a urgência como um sofrimento produzido pelo rompimento da cadeia significante .

¹ Psicóloga , psiconcologista e mestre e doutoranda em psicanalise pela Paris VIII

Há momentos na vida em que se recebe uma notícia e o sujeito se vê diante de um grande momento de sofrimento e neste momento é o qual o sujeito coloca em questões algumas certezas que ele mantinha até aquele momento. Os relatos de pessoas que tiveram o diagnóstico de câncer mostram esse primeiro momento ao receber a notícia, onde não há palavras, há uma paralisação, em que o sujeito não sabe como lidar com aquilo que aconteceu, algo irrompe, se desarticula com o dia-dia da pessoa, algo que não é previsto. Há uma queda de ideais, uma quebra nos investimentos.

A situação traumática irrompe o ritmo “natural da vida”, é o encontro com o real, a cadeia significativa é rompida e quando esta é rompida demora-se um certo tempo para se articular novos significantes para a situação atual.

Nestes momentos não há discurso que opere para lidar com o que está sendo sentido, um sofrimento assim podemos caracterizar como urgência.

Na urgência ocorre um desenlace entre a cadeia significativa e o gozo pulsional. O que podemos perceber é que a pulsão desatrelada manifesta-se em dimensão mortífera. Em outras palavras, as urgências são expressões da pulsão de morte.

Quando os significantes não se articulam, o sujeito não consegue se representar podendo muitas vezes fazer uma passagem ao ato.

A abertura à fala no grupo é uma tentativa de simbolizar o que ainda não está representado, quando o sujeito inicia no grupo vemos uma busca para se ficar de pé de novo, tentar andar mas sem saber ainda por onde ir, ainda é uma imagem fosca da situação, é um momento de muita delicadeza e extremamente importante, é reconstruir sua cadeia de significantes, é se redescobrir como sujeito.

A entrada ao grupo se faz no momento que é também a busca de novos significantes para sua vida e com isso possibilidade de se ver e de enfrentar um tratamento oncológico de uma outra maneira, uma maneira bem melhor de si dizer e de si fazer.

O trabalho com o grupo possibilita essa reabertura à linguagem, uma nova significação desse momento e da própria existência..

Alguns dos relatos feitos dentro do grupo e este tipo de relato não pode passar despercebido, deve se escutado é o sujeito falando e é aí que devemos intervir.

Este momento em que os usuários chegam ao grupo é um momento de fragilidade em que o imaginário coletivo muitas vezes toma conta e por isso deve-se ter alguém a mais que possa desmistificar e quebrar algo de negativo que pode ser criado.

Não importa qual o ideal do grupo o que importa é que dentro de cada relato há algo do sujeito e com isso podemos trabalhar. Mesmo algumas pessoas tendo o mesmo discurso outras no mesmo grupo desarticulam esse “saber” com uma outra postura

Trabalhar com o grupo algumas vezes gira em torno do sintoma, mas muitas vezes as semelhanças cedem lugar ao diferente entre uma fala e outra, posicionamentos diferentes, e assim é possível a partir daí ver como opera cada sujeito em sua subjetividade, podendo se perceber aonde o gozo se instala naquele sujeito.

Dar a palavra àquele que sofre produz alívio, a fala de quem sofre tem como tendência uma demanda de amor, no caso com câncer isso é muito evidenciado, no grupo se fala muito sobre dinâmica familiar, sua origem familiar e sobre a dinâmica conjugal, é um pedido a mais de um olhar através do adoecer.

É interessante que o grupo também propicia a abertura ao atendimento individual, é com a oferta que se cria a demanda e muitos que participam do grupo também tem seu atendimento clínico separadamente.

A função do analista é abrir uma possibilidade para que um novo laço se estabeleça e um caminho novo se construa partindo do que foi elaborado da situação que passou. É através da intervenção do analista diante de cada fala que se pode propiciar algo novo, é através do ato analítico que o analista pode ajudar o sujeito mudar seu olhar sobre a situação, é fazer com haja um ganho na irrupção, uma nova construção.

Aproveitando a ideia de Lacan sobre cartel onde é possível extrair o individual do coletivo vejo como uma possibilidade de advir o sujeito no meio

de vários , de se tornar único aquele momento para cada um do grupo , a possibilidade de individualizar no coletivo .

Quando o paciente é ativo, se conhece e se questiona podemos perceber que o processo do adoecer e do tratamento tem uma melhor direção , uma melhor adaptação a nova realidade e isso é a nível da singularidade .

A aposta é feita a partir da vivencia de cada um, a identificação é ser portador de câncer mas a forma de se significar a doença , a sua própria existência e seu tratamento é única .

Referencias bibliográficas :

- **Freud ,Sigmund.** Psicologia das massas e análise do eu. In: *Obras completas de Sigmund Freud*; trad. Dr. I. Izecksohn. Rio de Janeiro
- Holck, Ana Lucia ,Vieira Marcus Andre e organizadores; *Psicanalise na favela ; projeto Digai-mare , a clinica dos grupos ,* Rio de Janeiro ,2008 .
- Lacan Jacques - *Autres écrits*. Seuil. Paris, 2001.